
O imaginário tecnocientífico da saúde na pandemia: performatividade visual e estabilização da autoridade biomédica na Superinteressante (2020-2021)¹

Virgílio Magalde de Azevedo²
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Este artigo analisa as capas da revista Superinteressante publicadas entre 2020 e 2021, investigando como a mídia de divulgação científica produz imaginários performando visualmente a autoridade tecnocientífica na pandemia de COVID-19. A partir de uma análise visual articulada com a Análise de Conteúdo identificam-se três eixos: biotecnologia como solução totalizante, responsabilização individual pela saúde e mercantilização da ciência. A pesquisa mostra como a revista estetiza a biomedicina como horizonte único de solução, desloca o risco sanitário para o indivíduo e reforça lógicas de mercado. Os resultados indicam que as capas operam como dispositivos simbólicos que estabilizam regimes de verdade e moldam percepções sociais da crise.

Palavra-chave: imaginário; divulgação científica; saúde; biotecnologia; pandemia.

Introdução

A pandemia de COVID-19, declarada em março de 2020, não apenas ampliou a presença da ciência no cotidiano, mas tensionou a autoridade científica como campo central de disputa simbólica. A biotecnologia emergiu como protagonista na gestão da crise, convertendo a tecnociência em promessa de controle racional sobre a vida. Nesse cenário, a mídia de divulgação científica desempenhou papel ativo na construção de imaginários sociais sobre ciência, saúde e inovação, em meio a um ambiente de incerteza informacional e disputa de regimes de verdade.

As capas da revista Superinteressante, ao condensarem visualmente os temas centrais de cada edição, funcionaram como dispositivos simbólicos que não apenas informam, mas performam a tecnociência como instância redentora e estabilizam narrativas de autoridade biomédica. As representações visuais estruturam valores e expectativas sociais, deslocando a crise sanitária para o campo da gestão individualizada do risco, ao mesmo tempo em que reforçam lógicas mercadológicas na organização do cuidado com a saúde.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: magalde@gmail.com.

Este artigo investiga como a Superinteressante, entre 2020 e 2021, contribuiu para a construção visual do imaginário tecnocientífico da pandemia. Considera-se o imaginário tecnocientífico como um conjunto de representações simbólicas, narrativas sociais e expectativas culturais que legitimam a ciência e a tecnologia como instrumentos de controle, salvação e racionalização das vulnerabilidades humanas, sustentando a crença no progresso técnico como destino inevitável de superação (Felinto, 2003).

A mídia exerce papel central na produção e circulação desses imaginários ao traduzir os avanços científicos em narrativas acessíveis e espetacularizadas, reforçando visualmente a centralidade da biotecnologia como solução única e desejável. Neste trabalho, parte-se da hipótese de que a Superinteressante não apenas reproduziu a centralidade biomédica, mas atuou performativamente na estabilização de regimes de verdade biomédicos durante a pandemia, ao estetizar a tecnociência como solução única, neutralizar a visibilidade de saberes alternativos e legitimar discursos individualizantes e mercadológicos sobre a saúde. Nesse processo, as capas não só comunicam ciência, mas disputam autoridade epistêmica no espaço público, marginalizando epistemologias comunitárias, populares ou decoloniais que poderiam tensionar o monopólio tecnocientífico ocidental.

A pesquisa adota uma abordagem visual articulada com a Análise de Conteúdo aplicada a 24 capas selecionadas pela presença explícita de temas de saúde e tecnociência em contexto pandêmico. A análise foi organizada em três eixos interdependentes: (1) a biotecnologia como solução totalizante; (2) a individualização da responsabilidade pela saúde; e (3) a mercantilização da ciência, identificando como essas narrativas visuais operam na legitimação simbólica da autoridade científica.

Ao examinar a articulação entre visualidade, discurso científico e disputas de autoridade, o estudo contribui para o campo dos estudos de divulgação científica e do imaginário midiático, evidenciando como a comunicação de massa participa ativamente da estabilização de regimes de verdade, especialmente em contextos de crise sanitária global.

Referencial teórico

A saúde, mais do que um estado biológico, é uma construção simbólica e cultural mediada por imaginários sociais. Segundo Mendes (2016), o conceito de saúde funciona como um imaginário, estruturado por representações e valores coletivos sobre o corpo, o

bem-estar e o viver. Essa perspectiva se ancora na noção de imaginário proposta por Gilbert Durand (2019), que entende o imaginário como uma estrutura simbólica que organiza a percepção da realidade, influenciando comportamentos e crenças.

Durand distingue dois regimes do imaginário: o diurno, marcado por metáforas de controle, dominação e purificação; e o noturno, baseado na integração e na adaptação. O imaginário tecnocientífico na pandemia insere-se predominantemente no regime diurno, projetando a ciência como força redentora diante do caos biológico e social. A biotecnologia assume, nesse contexto, o papel de heroína, associada à promessa de superação das fragilidades humanas e de garantia de saúde perfeita.

A mídia atua como mediadora desse imaginário, ao traduzir os avanços científicos em narrativas acessíveis e visualmente impactantes. Felinto (2003) observa que a tecnociência, ao prometer transcendência e perfeição corporal, se torna um substituto secular das antigas promessas religiosas, reforçando a fé no progresso técnico como caminho para a salvação. Essa exaltação do controle biotecnológico reforça o simbolismo do corpo como projeto a ser continuamente otimizado.

No campo da saúde, esse discurso opera na lógica biopolítica (Foucault, 2021), em que o poder sobre a vida transita da repressão à administração dos corpos, comportamentos e estatísticas. A medicina moderna, sustentada por saberes especializados, institui regimes de verdade que definem o que é normal, saudável ou patológico, legitimando práticas individuais de autocontrole sob a racionalidade do bem coletivo.

A tecnociência, nesse contexto, surge como mediadora principal entre os sujeitos e a normatização da vida. Ao medicalizar condições antes consideradas naturais (como sono, alimentação, envelhecimento), ela transforma o cuidado com o corpo em responsabilidade individual, alinhada a uma lógica neoliberal de performance e autogerenciamento. Como destaca Tucherman (2004), a ciência define os parâmetros do corpo normal e produtivo, ao passo que a mídia legitima esses parâmetros ao apresentá-los como consensos científicos inquestionáveis.

Essa articulação entre tecnociência, biopolítica e mídia produz um imaginário da saúde que não só consagra o consumo de inovação biomédica e desloca a responsabilidade para o indivíduo, mas também estabiliza a autoridade biomédica como regime hegemônico de verdade, naturalizando as desigualdades de acesso e silenciando epistemologias concorrentes.

Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem visual articulada com a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016; Sampaio e Lycarião, 2021), com o objetivo de compreender como a revista *Superinteressante* construiu regimes de autoridade científica nas representações sobre saúde, ciência e tecnologia entre 2020 e 2021. Essa integração metodológica permite mapear padrões temáticos, decodificar dispositivos simbólicos e analisar a performance visual da tecnociência na legitimação do discurso biomédico.

O corpus é composto por 24 capas publicadas entre 2020 e 2021, período em que a pandemia configurou o debate público e a circulação de discursos científicos de forma central. As edições selecionadas apresentam relação explícita com temas de saúde e tecnociência nas capas, o que assegura a coerência temática e o foco na visualização pública da autoridade científica.

Foram analisadas tanto as unidades de registro (títulos, chamadas, metáforas visuais e composições gráficas), quanto as unidades de contexto (momento sociopolítico da publicação, estágio da pandemia e disputa informacional). Partiu-se de uma leitura exploratória inicial do corpus, que permitiu identificar recorrências visuais e discursivas em torno de eixos emergentes. Esses eixos foram posteriormente organizados em três categorias principais: 1) Tecnologia como solução totalizante, onde as capas apresentam a biotecnologia como única resposta legítima à crise, exaltando vacinas, terapias e inovações biomédicas como recursos redentores; 2) Individualização da responsabilidade pela saúde, em edições que deslocam o risco sanitário para o sujeito, enfatizando o autocontrole corporal e o autogerenciamento da saúde como práticas normativas; e 3) Mercantilização da ciência e da saúde, em representações que integram a inovação biomédica à lógica de mercado, destacando assimetrias de acesso, valoração econômica dos tratamentos e a ciência como bem estratégico.

A revista *Superinteressante* ocupa, historicamente, posição privilegiada na circulação massiva da divulgação científica no Brasil, atuando como interface entre a produção científica especializada e o público leigo. Seu modelo editorial combina simplificação narrativa, estetização visual e espetacularização da ciência, adaptando conteúdos complexos à lógica do consumo cultural de massa. Com ampla presença em bancas, livrarias, plataformas digitais e redes sociais, suas capas não apenas informam, mas constituem dispositivos de performance epistêmica ao modelar a visualidade legítima da ciência no imaginário popular.

Análise das capas

No primeiro semestre de 2020 (Figura 1), as capas da Superinteressante iniciam a estetização da tecnociência como solução racionalizada, ainda em contexto pré-pandêmico nas edições de janeiro e fevereiro: “A Vaca Transgênica” representa a vaca pixelizada como fusão inevitável entre natural e artificial, apagando dilemas éticos e reafirmando a biotecnologia como domínio produtivo; “A Melhor Arma Anticâncer” reduz o câncer à lógica bélica, naturalizando o corpo como território farmacologicamente disciplinado. Ambas articulam a ciência como mediadora heroica (Durand, 2019), mas já performam sua integração à lógica mercadológica que atravessará o restante da pandemia.

Com o avanço pandêmico a partir de março, a tecnociência torna-se eixo exclusivo de decifração da crise: “A Ciência do Destino” visualiza o destino biométrico com cartas de baralho, reafirmando o controle genético da vida; “Vírus: Vida e Obra do Mais Intrigante dos Seres” estetiza o bacteriófago, apagando práticas coletivas e saberes não biomédicos. Em seguida, “O Mundo Pós-Coronavírus” inscreve o colapso global na rachadura do globo, legitimando o conserto e reordenação tecnocientífica da governança sanitária, enquanto “A Reconstrução” desloca a crise sanitária à vulnerabilidade econômica, visualizada nas frágeis pilhas de dólares, naturalizando a interdependência entre ciência, tecnologia, risco e mercado.



Figura 1— Capas do primeiro semestre de 2020

Fonte: Autor e Superinteressante, 2025.

No segundo semestre de 2020 (Figura 2), a centralidade da tecnociência como regime totalizante de verdade se intensifica. “A Corrida pela Vacina” transforma a produção vacinal em espetáculo de competição global (tecnologia como solução),

personificando frascos como corredores olímpicos, apagando as disputas de acesso desigual. Em “Imunidade”, a metáfora visual da matrioska desloca a proteção ao interior do organismo, naturalizando a autorregulação biológica e esvaziando o papel das políticas públicas na proteção coletiva. “O Supertransgênico” estetiza novamente o domínio biotecnológico como solução, com uma espiga de milho sob redoma iluminada, apagando críticas ambientais e afirmando o domínio mercadológico da engenharia genética. “A Química do Sono” transforma o descanso em prática farmacológica privatizada, com comprimidos flutuantes orbitando o corpo, deslocando o sofrimento psíquico para a medicalização individualizada e mercantilizada.



Figura 2 — Capas do segundo semestre de 2020

Fonte: Autor e Superinteressante, 2025.

No primeiro semestre de 2021 (Figura 3), a racionalização biomédica se desloca ainda mais para a gestão individual. “A Reinvenção do Açúcar” estetiza o prazer alimentar sob controle científico, ao representar um milkshake em copo de laboratório, transformando a nutrição em engenharia mercantil. “As Próximas Mutações” tematiza a aleatoriedade viral por meio de uma máquina de chicletes, mas reafirma o papel da vigilância genética como controle racionalizador (tecnologia como solução). “Como a Comida Controla o Cérebro” reduz a saúde mental a escolhas alimentares individuais, representando o cérebro como bolo, deslocando causas estruturais do sofrimento psíquico para o autocontrole alimentar. “Os Efeitos da COVID no Cérebro” visualiza a tecnociência como única decodificadora legítima dos efeitos neurológicos pós-pandêmicos. Mesmo em “A Ciência Brasileira Pede Socorro” e “A Origem do Vírus”, apesar da introdução de disputas políticas, a centralidade da autoridade biomédica permanece inquestionada.



Figura 3 — Capas do primeiro semestre de 2021

Fonte: Autor e Superinteressante, 2025.

No segundo semestre de 2021 (Figura 4), as capas explicitam o deslocamento da crise para o mercado e o indivíduo. “Inimigo Íntimo” visualiza a falência imunológica como descontrolado interno, representado por pêndulo rompendo esferas de vidro, reforçando a responsabilização individual pela falência biológica. “O Remédio Mais Caro do Mundo” sacraliza a biomedicina como objeto desejável e inacessível, expondo a desigualdade econômica no acesso à saúde de ponta. Mesmo nas edições não diretamente vinculadas à pandemia (carro elétrico, OVNI, crise energética e magnetorrecepção), a tecnociência continua a organizar o campo dos riscos, crises energéticas, ambientais e políticas à promessa de controle técnico-mercadológico.



Figura 4 — Capas do segundo semestre de 2021

Fonte: Autor e Superinteressante, 2025.

Resultados e Discussão

Os dados quantitativos sustentam a tendência de destaque às tecnologias (Quadro 1): das 24 capas analisadas, 15 edições (62%) tematizaram saúde ou pandemia. Dessas, 7 capas (29% do total e 47% das edições de saúde) foram classificadas em Tecnologia como solução totalizante; 4 capas (17% do total e 27% do tema saúde), em Individualização da responsabilidade pela saúde; e 2 capas (8% do total e 13% do tema saúde), em Mercantilização da ciência e da saúde. Outras 2 edições (8% do total e 13% do tema saúde) abordaram outros aspectos históricos ou econômicos da pandemia. As 9 edições restantes (38%) deslocaram-se para temáticas não diretamente vinculadas à saúde, indicando expansão editorial na cobertura científica da revista.

Quadro 1 — Categorias de Análise e as Capas da Superinteressante (2020-2021)

Categoria	Edições	Títulos Principais	Temas Centrais
Tecnologia como Solução Totalizante (7 capas)	Jan/20	A Vaca Transgênica	Biotecnologia, vacinas, engenharia genética e avanços biomédicos como soluções para desafios globais
	Fev/20	A Melhor Arma Anticâncer	
	Mai/20	O Mundo Pós-Coronavírus	
	Jul/20	A Corrida pela Vacina	
	Nov/20	O Supertransgênico	
	Fev/21	As Próximas Mutações	
Individualização da Responsabilidade pela Saúde (4 capas)	Abr/21	Os Efeitos da COVID no Cérebro	Saúde como responsabilidade individual, enfatizando imunidade, sono, nutrição e resposta biológica às doenças
	Ago/20	Imunidade	
	Dez/20	A Química do Sono	
	Mar/21	Como a Comida Controla o Cérebro	
Mercantilização da Ciência e da Saúde (2 capas)	Jul/21	Inimigo Íntimo	Comercialização de avanços científicos e impacto do alto custo de tratamentos.
	Jan/21	A Reinvenção do Açúcar	
Outros temas da saúde (2 capas)	Nov/21	O Remédio Mais Caro do Mundo	Virologia, pandemia e suas consequências
	Abr/20	Vírus – Vida e Obra dos Seres	
Não classificadas nas categorias de pesquisa (9 capas)	Jun/20	A Reconstrução	Geopolítica, divulgação científica, sustentabilidade, neurociência e fenômenos inexplicáveis
	Mar/20	A Ciência do Destino	
	Set/20	A Nova Era Nuclear	
	Out/20	Física Quântica	
	Mai/21	A Ciência Brasileira Pedir Socorro	
	Jun/21	A Origem do Vírus	
	Ago/21	A Hora e a Vez do Carro Elétrico	
	Set/21	OVNIs – Os Avistamentos	
	Out/21	Crise Energética	
	Dez/21	Magnetorrecepção – O Sexto Sentido	

Fonte: O autor, 2025.

Dessa forma, as capas da Superinteressante atuaram na consolidação de um imaginário tecnocientífico ao estetizar a biotecnologia como horizonte único de ordenação da crise e deslocar a saúde para o campo do consumo individualizado e mercadológico. A naturalização da medicalização e do autocontrole biológico reduziu a saúde a uma prática de gestão privada, diluindo suas dimensões coletivas e políticas. Embora a revista reafirme a confiança na ciência e destaque avanços biomédicos,

simplifica a complexidade estrutural da crise sanitária ao converter vulnerabilidades sociais em oportunidades mercadológicas para a inovação científica.

As capas operam como pedagogia visual que disciplina percepções sobre uma ciência autorizada. As visualidades mobilizadas não apenas ilustram a tecnociência, mas performam regimes de verdade biomédicos por meio de dispositivos visuais recorrentes: a estetização do controle racional (pixelização, redomas, laboratórios); a metáfora bélica da guerra sanitária (células em combate, armas, corrida de vacinas); a transformação do acaso em previsibilidade técnica (máquinas de sorteio, cartas de baralho); a espetacularização mercadológica do consumo biomédico (fármacos, alimentos e terapias como objetos de desejo); a sacralização estética da inovação (iluminação centralizada, fetichização visual dos remédios); e a completa invisibilização de epistemologias não biomédicas, como saberes indígenas, populares, comunitários e práticas coletivas de cuidado. Tais dispositivos compõem uma gramática de legitimação biomédica que estabiliza visualmente a autoridade científica e apaga alternativas de enfrentamento sanitário.

Nesse regime de circulação, a Superinteressante não apenas traduz a tecnociência, mas ocupa posição estratégica como plataforma de estabilização pública da autoridade biomédica, ao filtrar e hierarquizar quais saberes ganham legitimidade no imaginário social. Sua atuação editorial opera como dispositivo mediador de regimes de verdade biomédicos em disputa, bloqueando visibilidades concorrentes e consolidando a tecnociência como horizonte epistêmico dominante, sobretudo em contextos de crise informacional e disputa de autoridade científica.

Ademais, a revista atua como um dispositivo editorial que não apenas comunica ciência, mas produz regimes de inteligibilidade alinhados à lógica da indústria cultural. Seu modelo, baseado em espetacularização gráfica, simplificação narrativa e fetichização da inovação, responde a lógicas de mercado que convertem a tecnociência em produto cultural desejável. A audiência, composta majoritariamente por jovens, estudantes e leitores não especialistas, consome essas visualidades num regime de entretenimento científico que esvazia o debate estrutural e naturaliza o monopólio epistêmico biomédico, silenciando práticas alternativas, plurais e políticas de cuidado em saúde.

Conclusão

A análise das capas da Superinteressante evidencia como a mídia de divulgação científica performa regimes visuais que estabilizam a tecnociência biomédica como filtro exclusivo de inteligibilidade da pandemia, estetizando o avanço científico como narrativa contínua de controle racionalizado e salvação inevitável frente ao caos sanitário. Assim, o protagonismo inicial da ciência enquanto força redentora cede espaço à mercantilização dos tratamentos e à responsabilização individual pela gestão do risco sanitário, deslocando a saúde ao domínio do consumo privado, enquanto obscurece as determinações estruturais da desigualdade.

Nesse processo, o discurso tecnocientífico não apenas ocupa o espaço simbólico central, mas apaga epistemologias concorrentes, naturalizando sua própria hegemonia como verdade universal. Tensionar criticamente esses imaginários exige não só desvelar os apagamentos epistêmicos, mas propor a diversificação dos regimes de visibilidade na divulgação científica. Democratizar a circulação de saberes requer problematizar os modelos editoriais centralizadores da mídia científica, fomentar práticas comunicacionais plurais que incluam vozes periféricas e construir dispositivos editoriais abertos ao conflito epistêmico, reconhecendo a ciência como campo permanentemente tensionado por interesses, valores e disputas de legitimidade.

Referências

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

Durand, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Felinto, E. Novas tecnologias, antigos mitos: apontamentos para uma definição operatória de imaginário tecnológico. **Galáxia**: Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura, (6), 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1341> Acesso em: 6 mai. 2025.

Foucault, M. **Microfísica do poder** (11. ed.). São Paulo: Paz e Terra, 2021.

Mendes, P. M. C. **Saúde imaginária**: a reprogramação do corpo no reality show (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

Sampaio, R. C. & Lycarião, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

Tucherman, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Editora Vega, 2004.